

Meditação sobre Mateus 25.31-46*

Werner Fuchs

O Deus rico em misericórdia nos conceda paz para a verdadeira luta.

Queridas irmãs e irmãos! Eu venho de um país do hemisfério Sul que exporta armas para a América Central e ao Oriente Médio. Na verdade não temos mais ditadura militar no Brasil, mas os trabalhadores são sistematicamente varridos de um lado a outro e pressionados a sobreviver com menos que o mínimo. Por exemplo, existem de 12 a 14 milhões de trabalhadores rurais migrantes, os chamados "bóias-frias", que encontram trabalho somente alguns meses por ano durante as safras, permanecendo à mercê dos grandes empresários.

Se vocês virem no Brasil alguém passando fome, podem ter certeza de que não é nenhum luterano. Nós pertencemos a uma camada social em que a gente, apesar da crise, ainda pode usufruir de igreja, escola e muitas coisas mais. Nos anos recentes, fui pastor de comunidade numa região conflitiva e colaborei em tempo parcial num grupo de trabalho ecumênico para conflitos de terra e organização de agricultores, e pude experimentar onde afinal se pode encontrar igreja sofredora e igreja solidária, onde ela está viva. A saber, entre os mais pobres, os mais fracos, entre aqueles que são feitos pobres por imposição.

E venho à Assembléia Geral de uma Federação Mundial que — como escreve o membro do seu secretariado, Dr. Bengu — nos últimos sete anos não foi capaz de alcançar um consenso, uma concordância das igrejas-membro sobre as causas básicas, as "root causes" das injustiças. É de duvidar se realmente o quer.

* Apresentada por ocasião de um culto matinal da VII Assembléia Mundial da FLM, em Budapeste (1984), como reação ao material preparatório intitulado "Diaconia: esperança a caminho".

A partir desses pressupostos, e sem deixar de lado simplesmente o que está exposto em nosso material preparatório a respeito do texto, quero hoje apresentar acerca de Mateus 25.31ss e também acerca do título "**Diaconia: esperança a caminho**", as seguintes reflexões, em três itens: 1º) Esqueçamos a palavra "diaconia"; 2º) Desesperemos de nossa esperança; e 3º) A caminho — para onde?

Ao primeiro: **Esqueçamos a palavra diaconia!**

— Não porque seria conveniente, desse modo, esquivar-se de uma discussão, de uma confrontação com a teologia da diaconia, desenvolvida aqui na Hungria, nosso país anfitrião.

— Não porque no Novo Testamento DIAKONIA/DIAKONEIN seja um conceito muito amplo e múltiplo, de tal modo que pode descrever qualquer atividade de edificação da comunidade. Por exemplo, o "ministério da reconciliação" (II Co 5.18) também é expressado no original com o termo DIAKONIA.

— Deixemos de lado a palavra diaconia com respeito ao nosso texto, não porque, no sentido específico de servir como desafio aos discípulos, ele seja encontrado em Mateus 20.26ss; onde lemos: "Quem entre vocês quiser ser grande, seja servo..." Assim o fez Jesus, debaixo do qual nos colocamos, na medida em que nos serviu com sua vida e seu morrer.

— Tampouco porque diaconia fosse entre nós um conceito definido, entendido sob aspecto organizacional, quem sabe, como ajuda para o desenvolvimento, do ponto de vista dos que têm de sobra, dos que têm até amor e esperança e que podem inclinar-se aos que não têm.

— Ou ainda porque o entendemos como um conceito criticável porque descreve atos de caridade de um cristianismo domesticado, que, de forma introvertida, se desvia da luta política por um mundo mais justo.

Tais seriam argumentos para um contexto diferente. Não, faço esta proposta, porque tenho a percepção de que nosso texto primordialmente **não** quer falar de diaconia. Com respeito ao manejo responsável dos dons enquanto o Senhor não retorna, tratou-se justamente na parábola anterior, dos talentos. Agora a cena é o Juízo Final! O semáforo parou no vermelho! É tarde demais. E os que entram para o Reino estão muito surpresos porque algo feito por eles teria sido válido como feito para Jesus. Senhor, quando foi que fizemos? — Sim, vocês fizeram...

Quero alterar um pouco a questão constante em nosso material “Como a gente se torna capaz para o agir misericordioso?”, perguntando: “Quem age assim? Desinteressadamente, livre, de casa e coração abertos, sem preocupação, correndo riscos? Estar aí para o próximo, somente por causa do ser humano? — E para que não fuçamos novamente, torno a pergunta mais aguda: **Quando foi que eu agi assim?**”

Quando ainda era estudante, dei-me conta de que pessoalmente doava com maior facilidade tudo o que estava na carteira, quando havia pouco dinheiro nela. Quando havia mais, então eu tinha muitos planos: comprar livros, economizar, etc. Isso me envergonha, mas indica — e posteriormente me ajudou a reconhecer, onde de fato acontece aquilo de que fala o nosso texto. É de conhecimento geral que em todos os povos as pessoas simples, os humildes, são os mais hospitaleiros. Isso nos leva a pensar.

No Paraná, onde trabalho, há 1.170 famílias moradoras de ilhas no Rio Paraná que foram expulsas há 2 anos, quando foram abertas as barragens rio acima e ocorreu uma enchente fabricada. Essas famílias vivem em abrigos, em barracas, recebem alimentos do governo mas não alcançam justiça. Lá temos também outras organizações de agricultores, os sem-terra, que reivindicam uma reforma agrária, e que também exercem pressões sobre o governo. Aconteceu que no final do ano passado um grupo desses ilhéus tinha se preparado para entender melhor o que de fato estava se passando com eles. No final desse breve curso, do qual participei, representantes do governo se apresentaram, dizendo: “Conseguimos terra para cerca de 80 famílias. Foi com muito empenho que a viabilizamos e sabemos que é apenas uma migalha. Infelizmente, porém, a primeira terra a ser encontrada já foi prometida a uma outra organização de agricultores. Agora não sabemos o que fazer.” Esses técnicos do governo estavam angustiados, preocupavam-se com o desfecho. Devemos jogar os pobres sem terra uns contra os outros, para brigarem por um pedaço de pão, por uma áreazinha de terra? Foi então que aconteceu uma surpresa. Um dos sem-terra se levantou e disse aos ilhéus: “Deixem que nós ganhemos pelo menos alguns dos 80 lotes, para que na nossa luta não perçamos a esperança”. Um dos ilhéus declarou: “Se eu receber 10 hectares, eu reparto com meu irmão aqui e lhe dou a metade. E seja como Deus quiser.” Isso ninguém podia prever. Todos estavam impressionados. Lágrimas rolaram.

Tais milagres, porém, acontecem diariamente entre os miseráveis, entre os expulsos. Repartem o pouco, a comida parca, a roupa insuficiente, teto e coragem de viver. Não retêm para si cinco paçezinhos e al-

guns peixinhos. Um defende ao outro, mesmo que este não tenha uma ficha limpa! Quando se reparte ali onde há o suficiente apenas para hoje, então há mais esperança do que quando alguém distribui das suas sobras ou apenas publica declarações de suas boas intenções.

Os acontecimentos que descrevi, entretanto, terão para nós uma qualificação de dádiva de Deus, se lhes afixarmos as palavras do Rei Jesus, como exatamente essa palavra de juízo: O que vocês pequenos fizerem a esses menores dentre meus e seus irmãos, foi a mim que o fizeram.

Certamente já lhes ocorreu que, nesta interpretação, vejo uma estreita relação com Mateus 5: Bem-aventurados vós os perseguidos, vós espiritualmente pobres, sofredores, mansos, famintos por justiça, vós os misericordiosos. Vosso é o Reino dos céus. Vós sois o sal da terra.

O pobre que reparte o pouco e o pequeno que confia no pequeno, podem transformar o mundo de acordo com a vontade de Deus!

Já estamos no meio do segundo ponto: **Desesperemos de nossa esperança!**

Aqui na Assembléia talvez a maioria sinta como eu que estamos irremediavelmente expostos a uma grande organização, perdidos numa floresta de papéis com seu fundo nebuloso. Tenho a impressão de que, num país com música tão bela, viva, alegre, e envolvente, estamos falando e estudando sobre esperança como se estivéssemos lendo notas, lendo partituras. Mas a música, não a ouvimos. O som, o ritmo não nos arrastam mais.

Cantamos numa canção, com os lavradores no Brasil, que tem a seguinte estrofe: "E pouco a pouco o tempo vai passando, a gente espera a libertação (que Jesus realizará). Se a gente luta ela vai chegando, se a gente pára, ela não chega não."

A pergunta para os grupos: **Por que a esperança tão dificilmente nos coloca em movimento?** Apenas algumas breves observações: Talvez porque estejamos distantes da angústia das pessoas ou talvez porque consideramos a esperança sempre como **nossa** esperança, lidamos com ela como se fosse uma propriedade privada, da qual podemos dispor. Como se a esperança fosse o tesouro da igreja, que ela pode distribuir como lhe apraz, de acordo com descobertas ou esquematizações teológicas. Mas também existem teólogos que afirmam: Há muito a esperança emigrou da igreja. Esperança não pode ser produzida, como penso ter mostrado pelo exemplo dos ilhéus. Não pode ser manipulada. Esperança

é viva, como escreve I Pe 1.3. Inesperadamente ela chega a nós de baixo, de lugar totalmente diferente, dos pequeninos irmãos. A esperança é maior do que nós. Por isso temos que corrigir a linguagem, quando dizemos "tenho uma esperança": A esperança me tem a mim. Em Cristo ela nos tem, talvez. Quando eu reconheço os sinais da esperança, ela pode me colocar em movimento. E apesar disso, temos que lembrar: esperança é provisória. Quando entrarmos para o Reino, ela não será mais necessária (cf. I Co 13.13).

O terceiro ponto é uma pergunta: **A caminho, para onde?**

Nós pessoalmente, como igreja, como comunhão de igrejas, devemos nos questionar se pertencemos a uma igreja sofredora, ou apenas a uma igreja que tem um posicionamento teológico correto.

Jesus fala de entrar para o Reino que nos está preparado desde a eternidade, que na sua pessoa tornou-se próximo, no qual segundo a sua promessa habitará justiça. É difícil entrar nele. Não os que dizem Senhor, Senhor, não os violentos. Os ricos também têm dificuldade de achar a entrada.

A mim o texto não desafiou tanto, como é muitas vezes citado, para um engajamento, a uma dedicação aos fracos, mas abalou-me numa falsa certeza de salvação. Entra no Reino quem constrói a paz, quem abandona tudo e segue ao que tinha uma pedra por travesseiro e não necessitava de naftalina; que era pobre para enriquecer a muitos. Quem não entra são também os que ouvem a palavra de juízo de Jesus: Tudo o que **não** fizeram a um desses meus pequenos irmãos, não o fizeram a mim. E a sua pergunta: Senhor quando foi que não fizemos? Quando fizemos? Soa igual à pergunta dos anteriores, mas dela se depreende, não a surpresa, e sim pura ironia. Penso que desde o início eles sabiam que sua riqueza, sua indiferença no fundo se dirigia contra o próximo. No Brasil, quando agricultores sem-terra desesperados ocupam terras abandonadas, os proprietários não têm escrúpulos de se utilizar da Polícia Militar ou de milícias privadas para expulsá-los.

Mais uma pergunta final: Foi recompensa para os primeiros? De acordo com Lucas 12.37 o Senhor recompensa os seus servos, servindo-lhes. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão, não recompensa, mas misericórdia! Os misericordiosos sabem que dependem unicamente de misericórdia, que na verdade estão diante de Deus de mãos vazias, como mendigos, crianças, peregrinos e escravos da esperança, conforme uma expressão da Namíbia.

Quando foi que eu agi assim?

Por que a esperança tão dificilmente nos coloca em movimento?

A caminho — para onde?

Senhor, venha o teu Reino, para que vejamos a tua face no irmão humilde, e aprendamos dele. Amém.